

# A MÍSTICA NA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

## “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”

Roberto Lopes de Souza\*

### Introdução

A epístola aos Gálatas é uma proclamação marcante da experiência de fé de Paulo e de sua missão apostólica, suas relações com as primitivas comunidades cristãs. Marca não, apenas, uma crise localizada, mas o início da distinção entre o nascente cristianismo com a boa-nova de Cristo, de liberdade para o ser humano, de um mundo justo e fraterno, e o judaísmo que trazia em sua caminhada uma série de prescrições e dogmatismos que separavam as pessoas em puras e impuras e fazia o jogo do Império Romano. A epístola aos Gálatas deve ter sido escrita por Paulo provavelmente durante sua permanência em Éfeso na primavera de 53 dC<sup>1</sup>, um pouco antes de sua epístola dirigida aos romanos, com a qual possui estreita semelhança. Essas duas cartas podem ser consideradas o núcleo dogmático do cristianismo nascente.

Enquanto estava em Éfeso chegaram-lhe notícias de que as comunidades da Galácia estavam confusas pela pregação de “falsos irmãos”, missionários que propunham um cristianismo que devia seguir as prescrições judaicas. No caso, eram os gentios gálatas que Paulo convertera do paganismo à Fé cristã, o alvo dos missionários (Gl 4,8s). Proclamavam esses missionários que os gentios deviam passar pelo judaísmo para serem cristãos. Ao receber essas notícias Paulo se alarma e redige uma epístola com um tom altamente indignado e ao mesmo tempo, movido de preocupação e carinho pelo destino dos gálatas. Chama-os de “insensatos” (Gl 3,1), e alterna para tratamentos amorosos como “irmãos” (Gl 4,12; 5,11; 6,18), ou “meus filhos, por quem sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,19).

Paulo aborda o conflito entre o Espírito e a carne, a liberdade no Espírito que se contrapõe à escravidão da carne, os vícios que têm sua origem na carne, o amor e outras virtudes como fruto do Espírito, o embate entre Fé (*pístis*) e Lei (*nómos*), o Batismo que nos torna filhos adotivos de Deus, a Fé que nos justifica perante Deus. Retrata sua polêmica travada contra os missionários “judaizantes” ou “judeu-cristãos” que pregavam um cristianismo eivado das regras do judaísmo, seu encontro em Jerusalém

\* Economista, Mestrando do Centro Bíblico Verbo com especialização em Antigo e Novo Testamento.

1. Cf. MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo – Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 2. ed., 2004, p. 191.

com os “notáveis” (do grego *dokusin*<sup>2\*</sup>) ou “colunas” da Igreja, Pedro, João, o discípulo amado, e Tiago, “o irmão do Senhor” (Gl 2,2.9).

O conflito está na origem do entendimento do evangelho: a versão de Paulo e a da Igreja de Jerusalém. Para Paulo a lei só tem sentido a partir da boa-nova da mensagem de Cristo. É para a liberdade que Cristo Jesus chamou os cristãos. A epístola mostra um apóstolo apaixonado por Cristo. O que ele proclama não é obra dos homens, mas graça de Deus, que se expressa não apenas numa adesão intelectual a Cristo, mas numa apaixonada conversão a uma nova experiência de vida. É a mística do apóstolo.

## 1. Os gálatas – situação geográfica e contexto histórico

Os gálatas ou celtas originários da região dos rios Reno e Danúbio superior na Europa Central ao norte dos Alpes espalharam-se para a França, Boêmia e Hungria por volta do século VI aC. Com a morte de Alexandre o Grande, seu imenso império se fragmenta e divide-se em vários reinos entre seus generais. Em 278 aC os celtas percorrem a Grécia, atacam Delfos e são derrotados pelo rei macedônio Antígono I Gônatas. Em 277 aC, alguns dos celtas cruzam para a Ásia Menor, onde depois de várias escaramuças com os reis de Pérgamo, Êumenes I e seu filho Atalo I Soter (241-197) são derrotados e rechaçados em 239 aC. Dirigem-se para a Anatólia, na área central da Ásia Central, entre os rios Sangário e Hális, onde por volta de 232 aC seus nobres se estabelecem como grandes proprietários e cavaleiros saqueadores, e dão início aos povoadamentos de Ancira (atual Ancara), Távio e Pessino. Tanto a população indígena como os senhores gálatas foram pouco influenciados pela cultura helênica<sup>3</sup>.

Após os gálatas terem sido derrotados pelos romanos em 189 aC (segundo Fitzmyer<sup>4</sup>) ou 168 aC (de acordo com Koester<sup>5</sup>), a Galácia, junto com outras áreas adjacentes, passa a ser governada diretamente por Roma que a usa como estado-tampão contra Pérgamo. Por volta de 40 aC, algumas áreas da Pisídia, Frígia, Licaônia e Isáuria passam a fazer parte da Galácia. No ano 25 aC<sup>6</sup> ou 22/21 aC<sup>7</sup>, o Imperador Augusto converte essa região na província romana da Galácia. A essa província se incorpora uma ampla área do centro e do sul, onde estavam situados Antioquia da Pisídia, Icônio, Lистра e Derbe<sup>8</sup>.

2. *Tois dokusin*, participio presente (ou adjetivo verbal), caso dativo, do verbo grego *dokéo*, pode ser melhor traduzido para “aos que têm fama” ou “aos que aparentam”. Parece denotar uma certa ironia ou relativa consideração por parte de Paulo para com essas “autoridades” conforme também se pode ver mais adiante em Gl 2,6 (“e por parte do que eram tidos por notáveis – o que na realidade eles fossem não me interessa; Deus não faz acepção de pessoas – de qualquer forma, os notáveis nada me acrescentaram”). Isso também demonstra uma dupla preocupação de Paulo: com o respeito à unidade da Igreja na figura das suas autoridades e com sua liberdade em Cristo (cf. Gl 2,4).

3. Cf. KOESTER, H. *Introdução ao Novo Testamento, Volume 1: História, cultura e religião do período helenístico*. São Paulo: Paulus, 2005, p. 17-29 e 51; MURPHY-O’CONNOR, J., 2004, p. 195-196.

4. Cf. FITZMYER, J. A., S. J. *The Letter to the Galatians*. The New Jerome Biblical Commentary. New Jersey: Prentice Hall, 1990, p. 780.

5. Cf. KOESTER, H., vol. 1, p. 51.

6. Cf. KOESTER, H., p. vol. 1, p. 293.

7. Cf. MURPHY-O’CONNOR, J., p. 199.

8. Cf. FITZMYER, J.A., p. 780.

Com base nas epístolas paulinas chega-se à conclusão de que Paulo evangelizou a província romana da Galácia por acaso durante uma permanência forçada por uma enfermidade, provavelmente, dos olhos (1Cor 16,1; Gl 4,13-15). Alguns cálculos estimam a época dessa evangelização de setembro de 46 a maio de 48 dC<sup>9</sup>.

## 2. A crise dos gálatas

A origem da Epístola aos Gálatas ocorre como um dos marcos do nascente cristianismo, à medida que o evangelho era anunciado e começava a criar raízes entre as comunidades gentias, distinguindo-se e separando-se do judaísmo como religião e sistema social. A Igreja nascente se apoiava em suas “colunas” ou “notáveis”, Pedro, Tiago e João (Gl 2,9), que haviam convivido com Jesus, dele haviam recebido a autoridade de apóstolos para proclamar o evangelho a todas as criaturas, e haviam sido perseguidos por pessoas como Paulo (Gl 1,13).

Talvez por excesso de zelo religioso, ou para não perderem o privilégio que a religião judaica gozava como lícita e aceita pelo Império Romano, ou talvez para vanglória própria (Gl 5,12s), pregadores estavam anunciando para os gentios que eles deviam seguir a Lei de Moisés para serem justificados perante Deus (Gl 3,11). A levianidade desses missionários numa busca de vanglória própria também estaria fazendo escola entre os gálatas (Gl 5,26). Para eles não seria suficiente ter Cristo: também deviam ter Moisés. Afirmam que sem a circuncisão exigida pela Lei judaica o cristão não pode alcançar a salvação (Gl 5,2s; 6,12s). Para conseguir sucesso entre os gálatas tentam desacreditar a autoridade de Paulo: que ele não era um apóstolo de Cristo e que o Evangelho que ele pregava não lhe fora revelado por Deus.

As comunidades gálatas ficam então em meio a uma crise de autoridade, à qual se segue uma crise de fé, colocando em risco a comunidade dos gálatas. Paulo percebe que essa pregação é completamente contrária ao espírito do evangelho de Cristo (Gl 1,7; 5,2-6) e atinge o ponto central da mensagem do evangelho. Alcançamos a salvação pela fé em Cristo crucificado ou o ser humano é justificado pelos seus próprios méritos em cumprir a Lei? Se a justificação é conseguida pelo seguimento da Lei, Cristo teria morrido em vão (Gl 2,21) e o ser humano seria o seu próprio redentor dependendo de seu próprio e incerto esforço. O perigo era que, se as crenças desses pregadores prevalecessem, a graça de Deus e a cruz de Cristo ficariam esvaziadas de todo seu valor e o cristianismo seria apenas um apêndice do judaísmo. O seguimento de prescrições judaicas também traria seus reflexos sociais, a exemplo do que já ocorria na sociedade greco-romana, com as divisões na comunidade, entre gentios e judeus, senhores e escravos, homens e mulheres, o que ia contra o evangelho de Cristo (Gl 3,28; 5,20).

Então Paulo contesta vigorosamente os argumentos dos missionários. Primeiro procura tornar bem claro que seu anúncio do evangelho não havia sido recebido de qualquer autoridade humana, mas diretamente de Cristo, após ser chamado por Deus desde o seio materno (Gl 1,10-15; 1Cor 15,3-10). Esclarece que sua autoridade havia

9. Cf. MURPHY-O'CONNOR, J., p. 43.

sido reconhecida pelos demais apóstolos quando de seu encontro (Gl 2,9) e manteve-se firme em Antioquia quando os demais, inclusive Pedro e Barnabé, haviam titubeado (Gl 2,11-14). Paulo coloca-se no mesmo nível dos demais apóstolos, que apesar de haver convivido com o Senhor Jesus não haviam compreendido plenamente – e inclusive agora faziam diminuir – a força de sua mensagem frente à Lei de Moisés. A salvação não devia ser ganha por qualquer conformidade com regras, mesmo as que haviam sido prescritas por Deus. O que realmente conta não é a circuncisão ou o mero seguimento da Lei, mas a fé em Cristo Jesus (Gl 2,16.20, 3,8-26), que se colocou debaixo da Lei, libertou-nos da Lei e tornou-nos novas criaturas (Gl 3,13s; 4,4s; 6,14s).

### *2.1. Quem seriam esses missionários?*

Esses missionários adversários que Paulo chama de “intrusos, falsos irmãos” (Gl 2,4) poderiam ser cristãos de origem judaica, por nascimento ou conversão (Gl 6,13), ou talvez da seita dos fariseus (At 15,5). Ou mesmo os enviados por Tiago a partir de Jerusalém (Gl 2,12). Outra possibilidade é que seriam os de Antioquia, que haviam provocado o fim do comportamento dúbio de Pedro junto a cristãos de origem judaica e gentios, procedentes das demais culturas, com a conseqüente censura pública e enérgica da parte de Paulo (Gl 2,14).

Essa disputa já se sucedera em Jerusalém onde durante um concílio por volta de outubro de 51 dC<sup>10</sup>, após para lá ter se dirigido por “revelação” (Gl 2,2), Paulo teve sua autoridade reconhecida pelas colunas da Igreja depois de expor-lhes o evangelho que proclamava. “Sua razão para dar essa interpretação à sua viagem a Jerusalém é afastar a acusação feita por seus adversários da Galácia de que, indo a Jerusalém, ele tenha reconhecido a superioridade dos apóstolos de Jerusalém e, por isso, colocando-se, pelo menos implicitamente, sob as ordens deles”<sup>11</sup>. Por pressão desses “intrusos falsos irmãos”, Pedro e os demais “notáveis”, Tiago e João, passariam a pregar aos circuncisos, enquanto Paulo juntamente com Barnabé e provavelmente também Tito (Gl 2,1) pregariam aos gentios incircuncisos (Gl 2,9s), não tendo que exigir dos convertidos nada mais além da fé em Jesus Cristo. Com essa prática missionária é mantida a unidade da Igreja principalmente em torno do denominador comum que é o cuidado com os pobres (Gl 2,10).

### *2.2. A origem dos primeiros conflitos*

Para entender-se a gênese dos primeiros conflitos entre cristãos provindos da cultura helênica e os de origem judaica “...devemos compreender em primeiro lugar que não podemos pressupor nem um conjunto de doutrinas firmemente estabelecidas nem uma organização unificada para os primeiros movimentos missionários como um todo. Um corpo fixo de doutrinas (credo e cânon) e uma organização eclesiástica reconhecida de modo geral (episcopado) só se desenvolveram muito mais tarde e ao longo

10. Cf. MURPHY-O’CONNOR, J., p. 43.

11. Cf. MURPHY-O’CONNOR, J., p. 145.

de várias gerações. Uma diversidade semelhante existia também em Israel nessa época. O judaísmo rabínico só criou estruturas sólidas nos séculos seguintes à destruição de Jerusalém. Além disso, não havia uma linha clara separando ‘judaísmo’ e ‘cristianismo’ (estritamente falando, os dois termos devem ser de fato usados entre aspas para a época de Paulo e de seus sucessores). Nem Paulo nem os que se opunham a ele sabiam que eram ‘cristãos’, embora ambos concordassem que pertenciam a Israel e às suas tradições e Escrituras”<sup>12</sup>.

Parece que as primeiras divergências entre os primeiros cristãos, judeu-cristãos e cristãos de origem helenista, quanto ao entendimento do verdadeiro espírito do evangelho de Cristo e ao seguimento dos preceitos judaicos, remontam à época dos primórdios da Igreja de Jerusalém quando os cristãos helenistas puseram-se a reclamar contra os hebreus porque suas viúvas eram esquecidas na distribuição diária (At 6,1s). Foram então instituídos sete discípulos para o desempenho dessa tarefa, entre os quais Estêvão, que mais tarde seria apedrejado e morto (At 6,3-5). Ocorreu então a grande tribulação ou a expulsão dos cristãos helenistas de Jerusalém (At 8,1), que como missionários fundaram comunidades fora de Jerusalém: Filipe vai para a região da Samaria (At 8,4-8) e foram fundadas as Igrejas de Chipre, Fenícia e Antioquia (At 11,19-26). É a partir da Igreja de Antioquia que o evangelho passou a ser difundido fora da região da Judéia por Paulo e Barnabé (At 13,1-3).

### *2.3. O conflito de Antioquia*

A harmonia que parecia ter sido conseguida em Jerusalém entra em crise em Antioquia com o entrevero entre as duas correntes quando Paulo denuncia a hipocrisia de Pedro e até de Barnabé, que antes comiam com os gentios, mas que com a chegada de enviados da parte de Tiago afastam-se dos gentios com medo dos chamados “circuncisos” (Gl 2,11-14). Esses enviados estavam proclamando que “se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos” (At 15,1). Esse conflito faz Paulo endurecer sua posição frente às prescrições legais judaicas, principalmente para os cristãos provindos do judaísmo, deixando claro que ninguém pode ser justificado pelas obras da lei (Gl 2,15s).

É em Antioquia que começa a se tornar evidente a diferença entre os judeus e os que acreditam em Cristo, que passam a ser chamados de cristãos (Christianoús) (At 11,26).

### *2.4. O grande problema em seguir os preceitos legais judaicos*

Para os primeiros cristãos provindos do judaísmo as Escrituras conhecidas e lidas nas primeiras assembleias eram a “Lei e os Profetas”, às quais procuravam interpretar à luz de Cristo. É o que hoje chamamos de Antigo Testamento, com suas prescrições rituais, como a circuncisão, as regras de pureza/impureza e alimentos interditos, a observância do sábado e as festas religiosas. Essas escrituras eram utilizadas

12. Cf. KOESTER, H., vol. 2, p. 132.

na maior parte das vezes em sua versão grega, a chamada “Septuaginta”<sup>13</sup>. Ainda não havia um Novo Testamento com seu caráter canônico como o consideramos hoje e provavelmente apenas na primavera de 50 dC<sup>14</sup> surgiu uma epístola aos Tessalonicenses do hoje chamado “Novo Testamento”.

Esses missionários poderiam ser bem-intencionados na pregação do evangelho (Gl 1,6), mas por sua herança cultural pregavam um Cristo dando fundamental importância na continuidade das prescrições legais judaicas. Para esses cristãos, como Jesus é descendência de Abraão (Mt 1,1; Lc 3,34), abençoado por Deus como Patriarca de todos os clãs da terra (Gn 12,1-3; 18,18), com uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu e quanto a areia do mar (Gn 22,17), e com uma aliança perpétua (Gn 17,7) a ser observada com a circuncisão de todos os machos (Gn 17,10.23), a Lei era fundamental porque Jesus também havia cumprido a Lei ao ser circuncidado (Lc 2, 21). Assim, a Lei era o princípio de tudo e todas as demais prescrições judaicas continuavam válidas.

Para os missionários, devido à tradição que conheciam das Escrituras, Abraão tivera Ismael, filho com sua escrava Agar (Gn 16), e Isaac, com sua mulher Sara, o filho da promessa cuja descendência perpetuaria seu nome (Gn 21,1-7.12). Para os cristãos de origem judaica continuar apegados aos preceitos judaicos tinha o sentido de serem o povo eleito e abençoado, descendente de Abraão por meio de seu filho Isaac, e agora na figura de Cristo, enquanto que os que deixavam de seguir esses preceitos seriam os descendentes do filho deserdado Ismael. Para esses missionários se Cristo havia surgido sob a Lei de Moisés esta continuava sendo a base do evangelho. Para Paulo o seguimento dos preceitos legais judaicos estava ameaçando a unidade da Igreja como verdadeiro corpo de Cristo. Retornar ao espírito do judaísmo, é voltar à escravidão (Gl 5,2-12). Essa versão do cristianismo pregado pelos missionários vindos da Igreja de Jerusalém, demasiado dependente das tradições do judaísmo, estava ameaçando as Igrejas da Galácia. Os gálatas após aderirem a Jesus Cristo crucificado pela evangelização de Paulo, terem recebido o Espírito de Deus por adesão à Fé, e adotado um projeto de vida comunitária, estavam se desviando para a mentalidade de obras da carne (Gl 3,1-5).

Paulo exalta-se com os gálatas e os admoesta: “Ó gálatas insensatos, quem vos fascinou, a vós ante cujos olhos foram delineados os traços de Jesus Cristo crucificado?” (Gl 3,1); “admiro-me de que tão depressa abandoneis aquele que vos chamou pela graça de Cristo, e passeis a outro evangelho” (Gl 1,6); chegando à súplica: “suplico-vos, irmãos, que vos torneis como eu, pois eu também me tornei como vós” (Gl 4,12).

### **3. O programa de Paulo – O Hino Batismal**

No ambiente das sociedades greco-romana e judaica com suas desigualdades, opressões e conflitos étnico-religiosos (judeus e gregos), sociais (senhores e escri-

13. Cf. KOESTER, H., 2005, vol. 2, p. 1-13.

14. Cf. MURPHY-O'CONNOR, J., p. 126.

vos), e de gênero (homens e mulheres) Paulo propõe uma nova comunidade que viva na liberdade e fraternidade baseada na unidade em Cristo Jesus (Gl 5,1).

<sup>26</sup>“Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, <sup>27</sup>pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. <sup>28</sup>Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,26-28).

Para Ferreira “chegamos ao momento culminante da Epístola aos Gálatas. Aqui está o centro de tudo. Gostamos de chamar esta pequena e riquíssima perícopos de “hipófise” da Epístola aos Gálatas. É em torno dela que tudo gira. Quem a compreende bem entende a força deste livro”.

“Gálatas 3,26-28 polariza e sintetiza em si toda a missiva, irradiando os seus raios para a epístola inteira. É esta a nossa chave hermenêutica. Ao descobrir a importância de Gálatas 3,26-28, interligando todas as perícopes em torno de si, ao constatar a sua centralidade na epístola, percebemos a luz deste pequeno texto da igualdade e liberdade que move toda a epístola em torno da unidade em Jesus Cristo. Paulo, para defender a questão da unidade, buscou em comunidades anteriores a ele este fragmento que elas celebravam na liturgia batismal. Ele elaborou de tal modo a epístola que este texto, já conhecido, ocupou um lugar central, passando, finalmente, a ser Gálatas 3,26-28. Se lemos a Epístola aos Gálatas na ótica deste material, teremos a impressão de que o apóstolo, enquanto escrevia a missiva, tinha o fragmento pregado na parede em frente aos seus olhos, porque quase tudo está sintetizado aí, principalmente no nível de conteúdo. É um programa dinâmico para comunidades que ouvem o apelo para ser transformadoras, na busca de uma possível sociedade cristã igualitária e livre”<sup>15</sup>.

### 3.1. “Não há judeu nem grego”

Essa fórmula batismal criaria dificuldades no cotidiano entre os membros da comunidade por entrar em conflito com os primeiros cristãos oriundos do judaísmo e com a sociedade de um modo geral. Os judeus que viviam na sociedade greco-romana procuravam “harmonizar sua crença no Deus único, em contraste com todos os ‘ídolos’ das ‘nações’, com as práticas específicas e distintivas que preservavam sua integridade comunitária como povo único”<sup>16</sup>. Esforçavam-se em granjear “prosélitos” (*prosélytoi*) convertendo “gentios” politeístas ao judaísmo e ao Deus único (Ex 12,48; Mt 23,15; At 13,43). Esses “prosélitos” eram circuncidados, seguiam a Lei, freqüentavam a Sinagoga (At 13,43), mas, por não serem considerados de origem legítima, cuja genealogia fosse de uma das doze tribos (1Cr 1–9), não tinham os mesmos direitos e privilégios do cidadão israelita.<sup>17</sup> Outra classe de pessoas discriminadas pelos judeus

15. FERREIRA, Joel A. *Gálatas – A Epístola da Abertura das Fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 89.

16. MEEKS, Wayne A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos – O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 243.

17. JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulus, 1983, p. 363-379, 423-442.

eram os “tementes a Deus” (At 10,22) (*foboúmenoι τόν Θεόν*), que não observavam plenamente a Lei e eram incircuncisos. Simpatizantes do judaísmo davam esmolas aos judeus (At 10,2) e freqüentavam a Sinagoga (At 13,16), mas eram considerados “impuros”, pois, além de não seguirem todas as prescrições judaicas, não possuíam uma “genealogia” judaica proveniente das doze tribos<sup>18</sup>.

Com o anúncio “nem judeu (*ioudaíos*) nem grego” (*hélleñ*), Paulo investe contra a posição judaica que continuava discriminando mesmo seus convertidos. Exorta os cristãos “gentios” advindos do politeísmo (Gl 4,8), que agora estavam se voltando para os rituais judaicos (Gl 5,1-4), para que todos fossem “um em Cristo Jesus” (Gl 3,28), cada um “uma nova criatura” (Gl 6,15) numa comunidade de “iguais” em contraste com as oposições que situam as pessoas na estrutura social. Essa proposta de “igualdade religiosa” entre “judeus” (os que tinham suas raízes no judaísmo) e “gregos” (ou povos de outras etnias) já tivera seus problemas no passado como pudemos ver com os episódios da dispersão dos helenistas de Jerusalém (At 8,1) e do conflito em Antioquia (Gl 2,11-14). Para os “cristãos oriundos do judaísmo há um choque com a fórmula “vós todos sois filhos de Deus” (Gl 3,26) porque ser filho de Deus era uma atribuição apenas a Israel (Ex 4,22; Os 11,1) ou aos judeus de um modo geral (Dt 14,1), com as implicações no seguimento da Lei dos judeus (Torá) e suas prescrições rituais. Pela fé em Cristo Jesus Paulo estende o conceito de filhos de Deus a todos independentemente de raça, sexo ou condição social, agora revestidos com o Espírito de Deus (Gl 3,27). Paulo anuncia para os primeiros cristãos que o batismo é o sinal da fé e de inserção numa nova vida, e não a circuncisão que nada mais faz do que agregar a pessoa num sistema legal. Agora todos os batizados em Cristo, revestidos de Cristo, filhos de Deus, justificados e libertos da Lei (Gl 3,5; 4,6-7), devem formar uma comunidade de irmãos livres e iguais (Gl 4,28.31), o novo “Israel de Deus”, respeitando as características da cultura de cada povo.

### 3.2. “Não há escravo nem livre”

Outro aspecto do Hino Batismal que entrava em choque com a sociedade da época era que a sociedade greco-romana tinha sua economia baseada num sistema escravocrata com a separação entre cidadãos livres, que gozavam de direitos políticos e sociais, e escravos, que eram propriedade de outros cidadãos, e às vezes de outros escravos, e podiam ser vendidos como gado. Na sociedade greco-romana os escravos podiam ser os prisioneiros de guerra, os que eram vendidos por seus pais para pagar dívidas, os próprios endividados que se vendiam para pagar dívidas, os filhos de escravos libertos que continuavam como propriedade do senhor e crianças abandonadas. A escravidão teve o seu auge durante os últimos cem anos da república romana (150-50 aC) e em Roma atingiu um terço da população total. Uma fonte de novos escravos podiam ser os piratas, que seqüestravam pessoas e as vendiam no mercado de escravos. Os escravos trabalhavam nas casas de famílias mais abastadas, nos latifúndios agrícola-

18. STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004, p. 290-291.



las, nas manufaturas e nas minas. O valor de um escravo dependia de suas qualidades, e muitos escravos gregos que tinham um melhor nível de educação eram utilizados como professores, poetas da corte, bibliotecários e administradores de alto escalão. Nas cidades havia uma classe média de trabalhadores que se reuniam em associações profissionais. Muitas vezes com o aumento da pobreza surgia uma classe de proletários desempregados e sem direitos políticos, constituída de pequenos agricultores que haviam perdido suas terras devido a dívidas, de viúvas e seus filhos, de estrangeiros que não conseguiam fazer fortuna e de libertos (uma classe de transição entre escravo e livre), escravos libertados por seus senhores que tinham problemas econômicos<sup>19</sup>.

Paulo proclama para os cristãos que na comunidade não pode haver diferenças, pois em Cristo desaparecem todas as diferenças sociais. Na época dessa proclamação os cristãos eram minoria entre a população do Império Romano. Mas, com o anúncio “não há escravo (*doúlos*) nem livre (*eleýtheros*)” para a sociedade daquela época, Paulo estava plantando a semente para uma nova sociedade, baseada na justiça e na liberdade, que deveria começar a partir da Igreja: “pois aquele que era escravo quando chamado no Senhor, é liberto do Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado, é escravo de Cristo” (1Cor 7,22). Na carta a Filêmon, líder de uma comunidade cristã por ele fundada, Paulo intervém a favor de Onésimo, um escravo fugido que Paulo conhecera na prisão e que havia fugido de seu senhor Filêmon, para que este o receba de volta não mais como escravo, mas como irmão amado, como se fosse o próprio Paulo. Pode-se ver outro exemplo de ação de uns pelos outros (Gl 5,13b) para a superação dessas barreiras sociais no relato da coleta em favor dos pobres de Jerusalém (2Cor 8,12-15, cf. At 11,29s e Rm 15,26-28).

### 3.3. “Não há homem nem mulher”

Outro conflito a ser superado na busca da igualdade cristã com suas implicações culturais e sociais na sociedade greco-romana era o da divisão macho (*ársen*) – fêmea (*thély*). Nas sociedades da região do Mar Mediterrâneo da época de Paulo a mulher vivia uma situação legal restrita. Não podia assumir direitos políticos públicos e era dependente do pai ou do marido. Suas atividades geralmente se limitavam às domésticas, como fiar e tecer, a supervisão de eventuais escravos, a educação dos filhos menores. O destino de muitas mulheres descomprometidas era a prostituição e outras ocupações de serviços aos homens. Nas famílias mais pobres ou que faziam parte de associações profissionais o marido e a mulher dividiam as atividades. Nas famílias ricas as mulheres tinham uma situação melhor. Era nas associações religiosas que as mulheres tinham maiores oportunidades, podiam assumir funções sacerdotais e ocupar uma posição de liderança. Entre os judeus as mulheres tinham uma participação maior nas assembléias sinagogaís e podiam ocupar o cargo de presidente da sinagoga (archisynáogos)<sup>20</sup>.

19. KOESTER, H., vol. 1, p. 60-65; 70-75; STEGEMANN, E. e W., p. 108-110; MEEKS, W. A., p. 38-42.

20. KOSTER, H., vol. 1, p. 56-75; STEGEMANN, E. e W., p. 295-6; 403-453; MEEKS, W. A., p. 42-46.

Nessa sociedade patriarcal Paulo retoma o projeto original da criação da humanidade: “macho e fêmea os criou” (Gn 1,27) para que se restabeleça a dignidade de “filhos de Deus” pelo Batismo e pela fé em Cristo Jesus independentemente de sexo. Provavelmente por trás da inserção do “não há macho nem fêmea” no Hino Batismal estavam as várias mulheres que, no mesmo caminho das assembleias sinagogais, desempenhavam papel essencial nas primeiras comunidades cristãs que se reuniam nas casas: a) “apóstola”, como é o caso de Júnias (Rm 16,7); b) profetisas, como as quatro filhas de Filipe (At 21,8-9); c) “diácona”, como Febe em Cencrêia (Rm 16,1s); d) “cooperadoras na missão”, como Evódia e Síntique (Fl 4,2s), Maria (Rm 16,6), Trifena e Trifosa, Pérside, que se afadigaram na missão (Rm 16,12), Priscila que correu riscos juntamente com seu esposo Áquila para salvar Paulo (Rm 16,3), Lídia em Filipos (At 16,14-15.40). Esses textos mostram Paulo saudando ou se referindo a essas mulheres com sentimentos de afeto e carinho. Com essa fórmula batismal há uma abertura para as mulheres, principalmente as pobres e escravas, que se sentiam libertadas em Cristo com reflexos nas comunidades cristãs e na sociedade patriarcal da época.

### 3.4. “Pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”

Tudo gira em torno de Cristo, que une os cristãos num só corpo. Todas as diferenças que estavam presentes nas sociedades judaica e greco-romana são anuladas em Cristo. A bênção que antes era privilégio dos judeus, agora é de todos que aderiram a Cristo Jesus pela Fé: gentios (Gl 3,14), escravos (Fm 8-20), mulheres (Gn 1,27), todos agora herdeiros de Abraão segundo a promessa (Gl 3,29). Todos os batizados em Cristo Jesus são filhos de Deus (Gl 3,26) e devem superar as diferenças como membros do corpo místico de Cristo num só espírito (1Cor 12,12-30; Rm 12,5), reunidos em torno da mesma mesa na comunhão da Ceia do Senhor (1Cor 11,17-34). “A Ceia age dum modo mais real ainda, análogo, contudo, ao do batismo: ‘nós recordamos’ a morte do Senhor, unimo-nos com toda nossa alma ao corpo ‘dado por nós’ e ao sangue derramado e esta ‘comunhão’ ao corpo e ao sangue estabelece uma comunidade com o Cristo que deve ser entendida no mais extensivo sentido; limitaria indevidamente este sentido quem se recusasse a aceitar que a celebração da Ceia incluía uma percepção consciente e carismática da união dos fiéis ao mistério da morte e da ressurreição. Estas primeiras comunhões cristãs tornavam o Cristo verdadeiramente presente, dum presença ‘mística’, antecipando a parusia, na comunidade e na alma dos fiéis”<sup>21</sup>.

## 4. A mística de Paulo

A vida cristã é basicamente uma vida mística sobrenatural, com sua participação na vida divina, uma experiência que tem por objeto Deus, que se expressa numa experiência de vida impregnada de fé, esperança e amor, de comunhão com Cristo e os irmãos. Não se restringe a uma esperança escatológica de bem-aventurança futura (cf. 1Ts 5,1-11), mas como uma real experiência de amor (Gl 5,14). O único comprovante

21. CERFAUX, Lucien. *O Cristão na Teologia de Paulo*. São Paulo: Editora Teológica, 2003, p. 377.

definitivo da autêntica experiência mística é a generosidade viva do amor, do dom pessoal, inseparavelmente voltado para Deus que se encontra em Cristo a serviço de nossos irmãos<sup>22</sup>.

A Epístola aos Gálatas com a polêmica de Paulo com os missionários “judaizantes”, suas mensagens sobre a Fé que nos justifica perante Deus e a Lei que nos escraviza, a liberdade no Espírito com seus frutos como o amor e outras virtudes, a escravidão da carne com seus vícios, o Batismo que nos torna filhos adotivos de Deus, mostra um Paulo apaixonado por Jesus Cristo, que transpira Cristo pelos poros. É a mística do apóstolo.

Antes de sua conversão, quando Paulo perseguia os cristãos, “seu zelo de fariseu certamente se alimentava duma convicção profunda, mas ele próprio a haveria de atribuir a um exercício de ‘sua própria justiça’, excluindo o dom de Deus. Sua entrada no cristianismo fez dele uma nova criatura. Teve acesso ao mundo próprio da criatura nova, àquele ‘reino de Deus’ que é, como ele mesmo o definiu, ‘justiça, e paz e alegria no Espírito Santo’ (Rm 14,17). Aqui começa uma vida nova, uma vida de intimidade com Deus que nos associa à sua própria vida íntima”<sup>23</sup>.

“Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. Minha vida presente na carne eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2,20).

“Paulo descreve a experiência de ter sua anterior vida-mundo concluída, e dentro de uma nova esfera de realidade onde ele não mais está no comando. Isto não é unicamente um assunto de ter seus pecados perdoados (na realidade, Paulo nunca menciona ‘perdão’ nesta carta); ao invés disso, é uma questão de ser transformado para o serviço. Paulo encontra-se – para sua própria grande surpresa – como o instrumento do amor reconciliador de Cristo, o agente da missão de Cristo para um mundo de gentios aos quais ele anteriormente considerara como “cães” impuros”<sup>24</sup>.

Assim, após sua conversão e batismo Paulo tem uma mudança radical de vida. Iluminado pela fé em Cristo: “porquanto Deus, que disse: ‘Do meio das trevas brilhe a luz’, foi ele mesmo quem reluziu em nossos corações, para fazer brilhar o conhecimento da glória de Deus, que resplandece na face de Cristo” (2Cor 4,6). Paulo sente-se amado a tal ponto que sua vida passa a ser um compromisso com as ações de Cristo, amando como Jesus amou. É Cristo vivendo nele. “Paulo é um verdadeiro místico, no sentido próprio do termo. Acreditamos mesmo, de bom grado, que, entre os filhos dos homens, não houve maior místico que ele”<sup>25</sup>. Essa paixão de Paulo por Cristo o leva a recusar-se energeticamente em gloriar-se, a não ser na cruz de Cristo que justifica

22. MUCCI, Giandomenico. Mística ou a Interpretação Arbitrária de uma Palavra. *Grande Sinal*. Revista de Espiritualidade, Ano 57, Petrópolis: Vozes, 2003/6, p. 705-714.

23. CERFAUX, L., p. 374.

24. HAYS, Richard B. *The Letter to the Galatians*. The New Interpreter’s Bible, v. 11. Nashville: Abingdon Press, 2000, p. 247.

25. CERFAUX, L., p. 367.

e redime o ser humano. Por essa cruz Deus é glorificado ao se servir dela para crucificar o ser humano e o mundo, que viviam de leis e no pecado, por intermédio de seu filho Jesus (Gl 6,14). “O pós-escrito de Paulo recorda-nos que a cruz está no coração da mensagem cristã. Ela destrói todo orgulho, pois através da cruz todo o mundo foi crucificado. Essa espantosa metáfora exige uma reflexão prolongada. Se somos tentados em vangloriar-nos em nossas riquezas, inteligência ou realizações, estamos perseguindo um caminho que conduz a lugar nenhum. A tentação mais traiçoeira – a enfrentada na Galácia – é a tentação de vangloriar-se em superioridade moral ou religiosa. A cruz destrói todas essas vanglórias e focaliza nossos olhos sobre Jesus, cuja autodoação amorosa revela a única verdade na qual se pode confiar, a verdade do amor de Deus por nós. Por isso podemos vangloriar-nos apenas na ‘cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo’. ‘Vangloriar-se’ da cruz não é naturalmente vangloriar-se de modo algum: O paradoxo redefine o verbo, de tal modo que vangloriar-se torna-se adoração e aclamação de Jesus crucificado. Além disso, assim como focalizamos nossa atenção na cruz, aprendemos que prestamos verdadeira honra ao Senhor crucificado apenas tornando-nos conformes com Ele para que assim tornemo-nos servos de uns aos outros no amor (5,13). Realmente vangloriar-se na cruz é colocar nossas próprias vidas em risco em atos de serviço que proclamam, tanto em ações quanto em palavras, que a cruz é a revelação do amor de Deus”<sup>26</sup>.

Essa experiência de fé, vida mística profunda de Paulo é acessível a todos, não é exclusividade de Paulo que exorta os gálatas para que se tornem ou se façam como ele (Gl 4,12): “é bom ser cortejado para o bem sempre, e não só quando estou presente entre vós, meus filhos, por quem sofro de novo as dores do parto, até que Cristo seja formado em vós” (Gl 4,18s).

Antes do advento de Cristo o ser humano pautava sua vida por seus próprios méritos, as obras que realizava. Agora, Cristo vive no cristão, age por meio dele e por meio de seu espírito: “vós não estais na carne, mas no espírito, se é verdade que o Espírito de Deus habita em vós, pois quem não tem o Espírito de Cristo não pertence a Ele” (Rm 8,9). “A perfeição da vida Cristã é expressa aqui; não como uma existência simplesmente dominada por uma nova motivação psicológica (“vivendo para Deus”), uma vez que a fé em Cristo não substitui um novo objetivo de ação. De certo modo, ela remodela os seres humanos de outro modo, provendo-os com um novo princípio de atividade no nível ontológico de seus próprios seres. Uma simbiose resulta do cristão com Cristo, o *Kyrios* glorificado, que tornou-se a partir da ressurreição um “Espírito vivificante” (1Cor 15,45), o princípio vital da atividade cristã”<sup>27</sup>.

A vida do cristão tem a Fé como seu fundamento, não uma fé subjetiva, alienada, ou uma confiança genérica na misericórdia de Deus, mas uma Fé/fidelidade (*pístis*) consciente, que os cristãos têm em Cristo e que tem na própria Fé/fidelidade de Cristo

26. HAYS, R.B., p. 348.

27. Cf. FITZMYER, J.A., p. 785.

o seu paradigma (Gl 2,16)<sup>28</sup>. Fé/fidelidade que conduz a uma nova vida revestida de Cristo, que justifica e age no cristão, sinal de uma graça concedida como prova de seu amor pelos filhos de Deus.

Para os que têm fé, ocorre a transformação num novo ser que se inicia com o batismo, a cruz de Cristo, sinal de morte e ressurreição, renascimento, e entrada numa nova vida, ao contrário da circuncisão que introduzia as pessoas num sistema legal: “pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo” (Gl 3,27), de tal forma que, “todos são filhos de Deus” (Gl 3,26), “um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Os cristãos estão num novo ser, revestiram-se de Cristo, são filhos de Deus, receberam o espírito que vivifica, cujos efeitos se manifestam na vida em comunidade em seus vários aspectos do dia-a-dia. O batizado pode dizer “Cristo vive em mim”, o que tem uma força tão grande que ele não pode atribuir a si mesmo. É a mística do cristão.

O cristão apesar de ainda viver na carne é nova criatura, sepultou o ser humano velho crucificado com a morte de Cristo: “embora vivamos na carne, não militamos segundo a carne. Na verdade, as armas com que combatemos não são carnis, mas têm, ao serviço de Deus, o poder de destruir fortalezas. Destruímos os raciocínios presunçosos e todo poder altivo que se levanta contra o conhecimento de Deus. Tornamos cativo todo pensamento para levá-lo a obedecer a Cristo” (2Cor 10,3-5).

Paulo sabe da luta entre a escravidão e a liberdade, que o cristão vive numa tensão permanente procurando caminhar com o Espírito, “se deixar guiar pelo Espírito” e não satisfazer os desejos da carne. Não há a possibilidade de conciliação entre a mentalidade da carne e a do espírito: “ora, eu vos digo, conduzi-vos pelo Espírito e não satisfareis os desejos da carne. Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito, contrárias à carne. Eles se opõem reciprocamente, de sorte que não fazeis o que quereis. Mas se vos deixais guiar pelo Espírito, não estais debaixo da lei” (Gl 5,16-18). Cristo nos chamou para a liberdade (Gl 5,1), liberdade do jugo do pecado e da escravidão da Lei, a qual os gálatas queriam renunciar submetendo-se à circuncisão (Gl 5,3). Na visão de Paulo a deficiência básica da Lei é que ela ensina ao povo o que ele deve fazer, mas não lhes comunica a vida: “então a Lei é contra as promessas de Deus? De modo algum! Se tivesse sido dada uma lei capaz de comunicar a vida, então sim, realmente a justiça viria da Lei” (Gl 3,21). Quem desfruta da liberdade em virtude dos méritos de Cristo é consciente de sua dignidade e procura conservá-la, pois busca o caminho da justificação mediante a Fé. É a partir da fé na graça de Deus e não por seus próprios méritos que o cristão, apoiado no Espírito, persevera na liberdade recebida de Cristo na esperança de sua justificação, e procura viver com a força do Espírito de Deus recebido quando se tornou cristão, a Fé que age através do amor (Gl 5,5s).

Paulo se indigna com os gálatas que iniciaram sua caminhada como comunidade cristã no Espírito de Deus e vão terminá-la na carne porque aquele que procura sua jus-

28. O texto grego de Gl 2,16 traz “*Pistis Iêsou Christou*” e também “*ek písteos Christou*”. “Fé/Fidelidade” (“*pistis*”) com o genitivo “de Jesus Cristo” (“*Iêsou Christou*”) expressa posse, e “*pistis Iêsou Christou*” pode ser traduzido como “fé de Jesus Cristo”. “*Ek písteos Christou*”, com a preposição *ek* que denota procedência, pode ser traduzida como “a partir da fé de Cristo”. Exegetas interpretam esses trechos de maneira objetiva ou subjetiva, como a “fé que é de Jesus Cristo” como a “fé que temos em Cristo”. Cf. MURPHY-O’CONNOR, p. 213.

tificação pela Lei fica apartado de Deus que o chamou do “mundo mau” (Gl 1,4) “pela graça” (Gl 1,6), agora fica “fora da graça” (Gl 5,4), escravizado aos ditames da carne. Para Paulo a liberdade não é falta de responsabilidades ou falta de obrigações, mas se identifica com um eficaz ato de amor (ágape) ao próximo, que procede da Fé e se deixa guiar pelo Espírito (Gl 5,6.25). Essa luta entre as duas forças oponentes, o espírito e a carne, tem seu campo de batalha no ser humano (Gl 5,16-17).

Parece que Paulo receava que os gálatas, que tinham um passado livre de normas morais ao contrário dos judeus, pudessem interpretar a liberdade em Cristo como licenciosidade moral e, por isso, procura esclarecê-los “...que a liberdade não sirva de pretexto para a carne” (Gl 5,13), exemplificando com obras que são típicas da carne: fornicção, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçaria, ódio, rixas, ciúmes, ira, discussões, discórdia, divisões. Seus praticantes não herdarão o Reino de Deus (Gl 5,19-21). E contrapõe às obras da carne os frutos do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio. Contra essas coisas não existe Lei (Gl 5,22s). Ou seja, “quem semear na sua carne, da carne colherá corrupção, quem semear no Espírito, do Espírito colherá a vida eterna” (Gl 6,8).

A liberdade em Cristo não dá pretexto à carne, mas ao contrário, ao amor que só pode se realizar na comunidade cristã e por meio dela, pelo qual os irmãos se colocam a serviço uns dos outros (Gl 5,13) para que se cumpra a Lei de Cristo (Gl 6,2). Esse tema Paulo continuará desenvolvendo em sua carta aos romanos (Rm 10,4; 15,1s). A liberdade que leva ao amor não pode reduzir-se a uma simples idéia. “Toda a lei está contida numa só palavra: Amarás a teu próximo como a ti mesmo” (5,14). Para o cristão a Lei maior é o amor, não Lei enquanto um conjunto de normas, mas como base da atividade cristã que teve em Cristo o seu modelo de amor abnegado e criador a serviço dos irmãos. A experiência de fé de Paulo, sua “mística”, transcorreu no cotidiano das primeiras comunidades, na vivência do amor entre os irmãos. “Seu cristianismo não é como qualquer uma religião de mistérios do mundo helenístico; seu Cristo que nos salva não é desprovido, nem de sua substância humana, nem de suas relações transcendentais com o Deus monoteísta judeu”<sup>29</sup>. Por isso, Paulo procura mostrar a encarnação, a natureza humana de Cristo: “...enviou Deus o seu Filho, nascido de mulher” (Gl 4,4). Na experiência mística do “ser cristão” de Paulo, “o que interessa é precisamente a ‘situação’ dos cristãos, com as conclusões práticas que daí se tiram: libertação da Lei antiga, substituição da justiça da Lei por uma justiça interior, obrigação para os cristãos de conformar sua conduta com a ‘natureza’ espiritual desta vida que está neles”<sup>30</sup>.

## Conclusão

Ao chegarmos ao final desta reflexão sobre Paulo e sua missão apostólica, podemos concluir destacando alguns aspectos de sua mística que perpassa toda a Epístola aos Gálatas e sua atualidade para os dias de hoje.

29. CERFAUX, L., p. 365.

30. CERFAUX, L., p. 375.

Paulo mostra-se uma pessoa emotiva, tratando os irmãos em Cristo com carinho (1,2; 3,15.26; 4,6.12.14-20.28; 5,11.13; 6,1.18), que às vezes se alterna para o indignado e extremamente preocupado quando esses irmãos mostram-se débeis na fé e na perseverança na caminhada (1,6; 2,11.14; 3,1-5; 4,11). Em algumas passagens Paulo mostra seu desapego de interesses particulares e de glórias terrenas (1,10; 5,26; 6,14), fazendo uma autocrítica e assumindo seus erros passados (1,13.23). Mostra sua firmeza na fé em Cristo Jesus e sua convicção no evangelho que proclama (1,8.11s,15s; 2,2.5.7.9).

O apóstolo Paulo desenvolve uma parte doutrinária na qual o ser humano é justificado pela fé em Jesus Cristo e não pelas obras da Lei (2,15-21). Paulo apresenta aos gálatas, que estavam sendo confrontados com as propostas dos missionários judaizantes, Abraão como paradigma para a Fé (3,1-14). A Lei teve o seu papel de mestre até a chegada de Cristo (3,15-22).

Há na carta uma preocupação com o destino da comunidade dos gálatas, para que vivam na liberdade cristã, dom gratuito de Cristo, aguardando no Espírito a esperança da justiça (5,1-12), e não caiam na escravidão da carne (5,13-26). O essencial é que os gálatas vivam essa fé, ajudando-se uns aos outros e cuidando dos menos favorecidos (2,10; 5,15; 6,1-10). Pode-se destacar o hino litúrgico batismal (3,26-28) que sinaliza para os irmãos que vivam unidos em torno de Cristo Jesus como filhos de Deus (4,1-8).

A proclamação de Paulo, seu desapego pessoal, resultado de ter sido crucificado com Cristo Jesus (2,19; 6,14), sua união íntima com Cristo (2,20), refletem sua mística que produz frutos de maneira desinteressada, objetiva e amorosa em favor dos irmãos na convivência diária com a comunidade cristã, partilhando a mesa sem distinções de grego ou judeu, escravo ou livre, todos unidos como filhos de Deus.

## **Bibliografia**

- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CERFAUX, Lucien. *O Cristão na Teologia de Paulo*. São Paulo: Teológica, 2003.
- FERREIRA, Joel A. *Gálatas – A Epístola da Abertura das Fronteiras*. São Paulo: Loyola, 2005.
- FITZMYER, Jerome A. *The Letter to the Galatians*. The new Jerome Biblical Commentary. New Jersey: Prentice Hall, 1990.
- HAYS, Richard B. The Letter to the Galatians. *The new Interpreter's Bible*. Nashville: Abingdon Press, v. 11, 2000, p. 183-348.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário*. São Paulo: Paulus, 1983.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*. Volume 1: História, cultura e religião do período helenístico. Volume 2: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

MEEKS, Wayne A. *Os Primeiros Cristãos Urbanos – O Mundo Social do Apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MUCCI, Giandomenico. Mística ou a Interpretação Arbitrária de uma Palavra. *Grande Sinal*. Revista de Espiritualidade, Ano 57, p. 705-714. Petrópolis: Vozes, 2003/6.

MURPHY-O’CONNOR, Jerome. *Paulo – Biografia Crítica*. São Paulo: Loyola, 2ª ed., 2004.

STEGEMANN, Ekkehard W. e STEGEMANN, Wolfgang. *História Social do Protocristianismo*. São Leopoldo: Ed. Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

Roberto Lopes de Souza  
Rua João Meimberg, 8  
05843-300 São Paulo/SP  
E-mail: rlopes39@itelefonica.com.br